

Thais Bedendo * Eliana Kuster



A Menina
que Lia o Mundo

Thaís Bedendo * Eliana Kuster

A Menina que Lia o Mundo

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

B411m Bedendo, Thaís Ferreira.

A menina que lia o mundo [recurso eletrônico] / Thaís Ferreira
Bedendo, Eliana Mara Pellerano Kuster. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal
do Espírito Santo, 2021.
25 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-00-39909-7(*E-book*)

1. Freire, Paulo (1921-1997) – Método de educação . 2. Educação.
3. Educação popular. 4. Pedagogia crítica. 5. Representações sociais –
Educação. 6. Humanidades. I. Kuster, Eliana Mara Pellerano. II. Instituto
Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 370

Elaborada por Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES – 656

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES – PPGEH
Av. Vitória, 1729 – Jucutuquara, Vitória, - ES
CEP: 29040-780

COMISSÃO CIENTÍFICA
Dr. Douglas Christian Ferrari De Mello
Dr. Nelson Martinelli Filho

REVISÃO DE TEXTO
Frederico Pitanga Pinheiro

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Maíla Bulhões

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO
PPGEH / IFES

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

JADIR JOSÉ PELA
Reitor

ANDRÉ ROMERO DA SILVA
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação

RENATO TANNURE ROTA DE ALMEIDA
Pró-Reitor de Extensão e Produção

ADRIANA PIONTTKOVSKY BARCELLOS
Pró-Reitor de Ensino

LEZI JOSÉ FERREIRA
Pró-Reitor de Administração e Orçamento

LUCIANO DE OLIVEIRA TOLEDO
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

IFES – CAMPUS VITÓRIA
HUDSON LUIS CÔGO
Diretor Geral

MÁRCIO ALMEIDA CÔ
Diretor de Ensino

CHRISTIAN MARIANI LUCAS DOS SANTOS
Diretor de Extensão

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI
Diretor de Administração

MÁRCIA REGINA PEREIRA LIMA
Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

LEONARDO BIS DOS SANTOS
Coordenador do PPGEH

DILZA CÔCO
Vice-Coordenadora do PPGEH

Sobre as Autoras

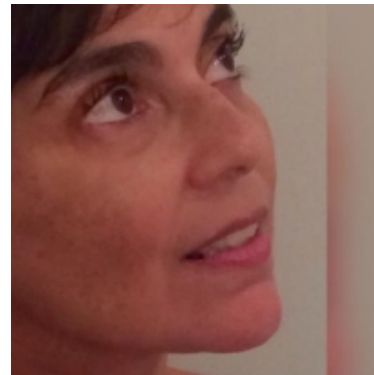


Thaís Ferreira Bedendo

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e é Mestra em Ensino de Humanidades (IFES), quando realizou a pesquisa intitulada "Paulo Freire vive! Uma análise da contribuição freiriana à luz da Teoria das Representações Sociais". Tem experiência na área de História, com ênfase em questões de Gênero, Literatura, Religião e Educação.

Eliana Mara Pellerano Kuster

É professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES). Arquiteta (UFES) Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas (FAU/USP) e Doutora em Planejamento Urbano (IPPUR/UFRJ). Tem como tema de pesquisa as Representações Culturais sobre a cidade.



A Ilustradora

Mayla Bulhões Abreu Costa

Ilustradora, formada em Design de Moda pela Faculdades Integradas Espírito-Santenses (FAESA), atua como ilustradora e estilista de produtos infantis.



Apresentação

Este livro foi escrito a partir da pesquisa de mestrado "Paulo Freire vive! Uma análise da contribuição freiriana à luz da Teoria das Representações Sociais" do Programa de Pós Graduação em Ensino de Humanidades (IFES), que tinha como objetivo final a elaboração de um material educativo voltado para crianças abordando o legado de Paulo Freire e a importância de uma educação crítica para a emancipação. Quem foi Paulo Freire? Quais eram seus ensinamentos? Qual a ligação entre a sua história pessoal e a história do Brasil? E do mundo? Qual legado deixou Paulo Freire? Ele ainda é importante para se pensar os dias de hoje? O que é uma educação crítica? Por que ela é fundamental para a transformação? Com esta leitura, esperamos despertar a curiosidade e quem sabe dar pistas sobre possíveis respostas para as questões acima.

Boa leitura!



Olá! Meu nome é Maria e eu nasci na cidade de São Paulo, que fica num estado chamado também São Paulo!

Aqui é muito grande! É a maior cidade do Brasil e ela está entre as 10 maiores cidades do mundo. Esse é um dos motivos pelos quais a chamamos metrópole, assim como Londres, Paris, Tóquio, Nova Iorque... E, no meio dessa cidade gigante, sou apenas uma formiguinha num formigueiro cheio de pessoas e histórias.

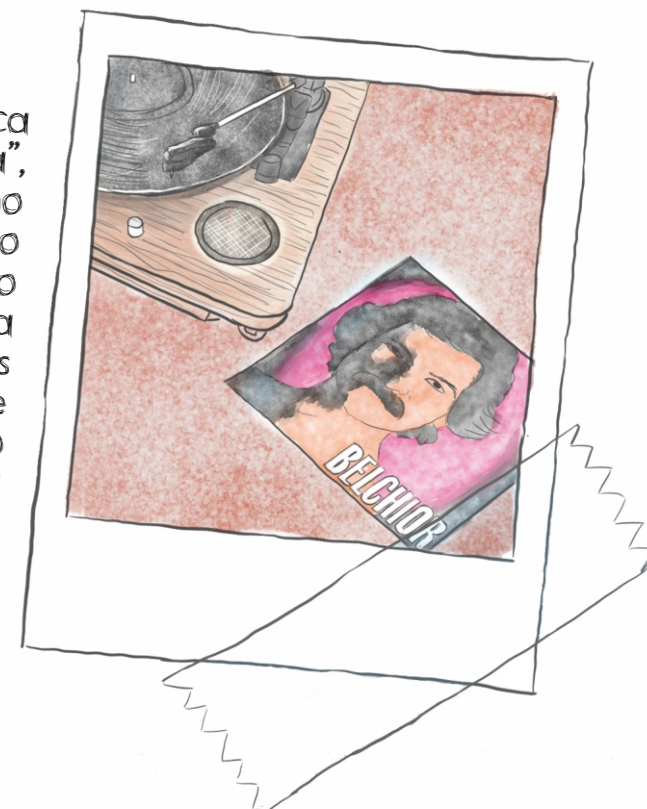
Falando em histórias, eu estou aqui para contar para vocês uma que é muito especial para mim! A de minha mãe, que veio do sertão da Bahia para São Paulo, a Dona Teresa. Mas, para contar a história dela, precisarei contar também umas coisinhas que aconteceram aqui na cidade de São Paulo e sobre um professor, também chamado Paulo, que veio de Pernambuco para cá.

São chamadas de metrópoles cidades grandes e que influenciam a economia e a política de outras cidades.

O meu pai? Ah, eu nunca conheci... mas isso acontece com milhares de crianças pelo mundo. Fico me perguntando: por que a responsabilidade de criar os filhos fica só para a mãe?

E a minha mãe é uma pessoa fantástica, que veio parar aqui em São Paulo porque “acreditou no sonho da cidade grande e enfim se mandou um dia”. Então, ela saiu do Nordeste acreditando que, aqui em São Paulo, teria melhores condições de vida e de trabalho, assim como muitos outros nordestinos na época...

O trecho sublinhado acima é da música “Notícia de terra civilizada”, que foi escrita por um nordestino nascido no interior do Ceará e chamado Antonio Carlos Belchior, mais conhecido só como Belchior. Ele escreveu essa música sobre a migração nordestina, os preconceitos e as dificuldades que passavam aqueles que saíam do Nordeste. O cantor é muito conhecido por suas letras contra a Ditadura, um período da história do Brasil que você vai conhecer melhor nas próximas páginas.



Minha mãe não sabia escrever o próprio nome e nem a diferença entre um A e um B. Isso era bem mais comum naquela época que hoje em dia, ainda mais entre pessoas que moravam no interior, bem na roça mesmo.

A minha mãe, Dona Teresa, quando criança, nunca teve como ir à escola, porque não havia educação no interior da Bahia, local onde ela morava. Então, quando adulta, ela já estava “velha” para ir à escola cheia de crianças, como eu e você, e não existiam escolas para ensinar adultos a ler e a escrever.

Muito triste, não é?
E isso não aconteceu apenas com minha mãe, milhões de brasileiros têm história parecida.

Quando minha mãe chegou a São Paulo, percebeu que as coisas não eram como ela havia sonhado... Na cidade grande, as coisas também podem ser muito difíceis!

Dona Teresa tinha saído de uma casinha na roça cercada por árvores com muitos frutos e veio parar aqui em São Paulo, essa selva de concreto, cheia de arranha-céus, barulho, trânsito... Era um outro mundo que ela estava conhecendo!

Foi com muito trabalho e suor que ela arrumou um cantinho para morar, no alto de um morro com uma vista linda! Dava pra ver a imensidão da cidade cheia de prédios, carros, pessoas... A cidade nunca dorme!

Mas a situação complicava um pouco quando chovia, por causa dos alagamentos e do medo de deslizamentos de terra na região.

Minha mãe sempre se perguntava: por que é que nos bairros dos ricos não acontece esse tipo de coisa?

Foram tempos difíceis, minha mãe trabalhava o dia todo fazendo faxinas, gastava horas e horas para poder chegar na casa da madame e recebia pouco. Tempos muito difíceis!

Mas a vida da Dona Teresa teve uma reviravolta quando uma mulher que também é nordestina e se chama Luiza Erundina foi prefeita de São Paulo. Isso foi durante os anos de 1989 até 1992.

Como prefeita, a Luiza deveria nomear e colocar muita gente em muitos cargos na prefeitura. Um desses cargos era o de Secretário de Educação, para o qual ela escolheu o Paulo Freire, um professor muito conhecido e que também era nordestino.

Mamãe sempre falava sobre ele comigo, dos seus cabelos branquinhos, seus óculos grandes, assim como os meus, e sua enorme paixão por ensinar.

Nossa! Até agora, nesta história, já falei de quatro nordestinos: a minha mãe, o Belchior, o Paulo Freire e a Luiza Erundina!



O Paulo veio do Nordeste, lá de Pernambuco, Recife, Estrada do Encanamento, Bairro da Casa Amarela e parou aqui nessa metrópole depois de uma longa caminhada pelo mundo. Bem longa mesmo. Vou contar para vocês!

Quando o Paulo chegou aqui, ele já era um dos maiores educadores do Brasil e do mundo! Ele era muito importante, mas precisou fugir do país há uns anos atrás, pois foi considerado perigoso e preso, mas não porque era bandido ou ladrão...

Ele foi preso por criar um jeito de fazer com que as pessoas pudessem ler, não apenas ler letras e palavras, mas ler o mundo de forma crítica. Você deve estar se perguntando o que é isso, não é? Vou explicar, aguarde aí e venha comigo!

Esse tal jeito, tipo um caminho, foi uma forma de ensinar que ficou conhecida como Método Paulo Freire.

O MÉTODO FOI UM SUCESSO

O Paulo decidiu ensinar as pessoas a ler e a escrever usando as palavras do dia a dia delas, para que conseguissem perceber a ligação, conexão ou a proximidade entre as letras e as palavras com suas realidades, suas vidas, acreditando que seria mais fácil se comessem a partir de coisas que importam e estão presentes na vida delas, por isso o método de Paulo Freire não funciona igualmente para todas as pessoas e grupos.

Mas como assim? Vou explicar!

Por exemplo: a vida de uma pessoa que mora lá em Manaus, capital do Amazonas, é bem diferente de alguém que mora na Serra Gaúcha, lá em outro ponto do Brasil, no Rio Grande do Sul. Vamos explicar melhor como isso interfere no Método Paulo Freire mais para frente!



O Paulo começou a ficar conhecido quando, no ano de 1963, durante um mês e meio, ensinou 300 pessoas a ler com o seu método. Mas ele não fez isso sozinho, ele teve o auxílio de muitos estudantes e de pessoas que queriam ajudar.

E foi assim que o governo da época se interessou pela forma como Paulo Freire ensinava e quis aplicá-la em todo o Brasil.

Na época, o presidente era o João Goulart, carinhosamente chamado como Jango. Ele reconhecia a importância da alfabetização e da educação e, por isso, no seu governo, implantou a Campanha Nacional de Alfabetização, que pretendia alfabetizar todo o Brasil com cursos feitos com o método criado por Freire, que foi convidado para ser o presidente da campanha.

Mas o plano deles foi interrompido pela Ditadura Militar, um período horrível na história do nosso país, em que muitas pessoas desapareceram e estão desaparecidas até os dias de hoje, foram torturadas, algumas mortas e outras, assim como Paulo Freire, tiveram que deixar o país devido a perseguições e risco de perder a vida!

Ele foi perseguido pelos militares e preso por 70 dias!

A ditadura começou em 31 de março de 1964, quando os militares deram um golpe e tomaram o poder, iniciando a Ditadura Militar, que foi até 1985. Ela foi financiada pelos Estados Unidos da América... Você vai ler mais sobre esse país daqui a algumas páginas, caro leitor! Esses mais de 20 anos foram marcados pelo autoritarismo, violência contra quem discordasse do regime, assassinatos, torturas, prisões, censura e limitação da liberdade. Dizem os estudiosos que cerca de 20 mil pessoas foram torturadas no período e o número de mortos até hoje não se sabe ao certo.

O Paulo foi considerado perigoso por causa de seu método! Veja só! E, para fugir da perseguição, mudou-se para o Chile, o que chamamos de exílio. Lá, sua forma de ensinar a ler o mundo foi aplicada em todo o país e tornou-se sucesso internacional!

Mas o Chile, assim como o Brasil, foi se tornando um lugar perigoso para Paulo e outras pessoas que também queriam mudar o mundo.

Então, ele decidiu se mudar mais uma vez e exilou-se nos Estados Unidos da América, onde foi professor na Universidade de Harvard, uma das mais famosas do mundo! Nesse momento, ele já era mundialmente reconhecido. Mesmo assim, não podia sequer voltar para casa e acabou indo parar justamente no país que financiou a Ditadura aqui no Brasil! Ele dizia que lá poderia “ver o bicho na toca”.

A ditadura do Brasil foi financiada pelos Estados Unidos da América, que apoiou golpes que também deram origem a outras ditaduras em vários outros países da América Latina, como em Bolívia, Argentina, Chile e Uruguai. Temos mais coisa em comum com nossos vizinhos sul-americanos do que imaginamos!



Ele ficou um ano nos Estados Unidos da América e depois seguiu para a Suíça, onde foi professor e fez algumas viagens para o continente africano. Na África, ele ajudou países que estavam se libertando da colonização.

Chamamos de colonização o processo de invasão de uns povos sobre outros usando a força e a violência para exploração de riquezas. O Brasil foi colonizado por Portugal a partir do ano de 1500, o que levou ao extermínio de milhares de povos indígenas e de pessoas escravizadas da África, que foram raptadas e trazidas para cá para trabalharem forçadamente.

Entre 1884 e 1885, alguns países da Europa partilharam entre si a África, ignorando os povos e culturas de lá, criando colônias para a exploração.

Acreditando na superioridade branca, os europeus levaram à morte milhares de pessoas. Por volta do ano de 1960, começaram, no continente africano, processos de descolonização e independência, quando esses povos conseguiram quebrar as correntes da exploração dos colonizadores europeus.

Paulo Freire visitou alguns desses países, como Tanzânia, Zâmbia, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau, Cabo Verde e Angola, e colaborou com o processo de libertação, auxiliando na alfabetização da população.

PARA REFLETIR: Você sabia que São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau, Cabo Verde e Angola são países que também falam português? Sabe por quê?

Depois de 15 anos exilado em viagens para ajudar povos de diversos lugares e culturas pelo mundo, graças ao enfraquecimento da Ditadura Militar com a luta de muitos que aqui resistiram contra o governo autoritário brasileiro, foi criada a Lei da Anistia e com ela Paulo e muitos outros que também foram exilados finalmente puderam voltar.



Essa Lei perdoou todos aqueles que cometeram crimes políticos e eleitorais no período da Ditadura. Isso significa que perdoaram pessoas como Paulo Freire, cujo único "crime" foi ter criado uma forma de alfabetizar adultos, da mesma forma que perdoaram torturadores.

Você acha que dá para comparar o "crime" de alfabetizar pessoas com o de torturar pessoas, caro leitor? Ou tem algo de muito estranho aí?

Um tempo depois, Paulo Freire ajudou a fundar um partido político aqui no Brasil, o Partido dos Trabalhadores (PT), que anos mais tarde elegeu dois presidentes.

Foi no PT que Paulo conheceu Luiza Erundina! Quando ela ganhou a eleição para a prefeitura de São Paulo, pediu o auxílio dele, porque sabia que ele tinha ajudado muitas pessoas em muitos lugares do mundo e que juntos eles poderiam construir mais!



O PT ganhou quatro eleições presidenciais seguidas: as duas primeiras com Luiz Inácio Lula da Silva (2003 e 2007) e as duas últimas com Dilma Rousseff (2011 e 2015). O governo de Lula removeu o Brasil do Mapa da Fome, tirando muitas pessoas da extrema miséria. O período em que esse partido esteve no poder é criticado em muitos aspectos, mas os avanços em questões sociais e a melhoria de vida dos mais pobres e necessitados são inegáveis e reconhecidos até internacionalmente.

Então, a Luiza convidou o Paulo para ser Secretário de Educação de São Paulo, o responsável pela educação do município, e ele topou!

Durante o governo, eles criaram um programa para ensinar adultos e jovens a ler e a escrever, gente que já estava “velha” para ir à escola, chamado Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo, o MOVA-SP ou só MOVA.

Minha mãe ficou muito animada com a notícia! O sonho dela de aprender a escrever o próprio nome estava mais próximo! Como ela trabalhava durante todo o dia faxinando casas, não tinha muito tempo, mas, com o início do MOVA-SP, que tinha aulas apenas nos fins de semana, ela viu uma oportunidade de aprender a ler e a escrever e se matriculou numa escola perto de casa.

Esse programa para alfabetização de pessoas mais velhas funcionou durante todo o período em que Luiza foi prefeita de São Paulo, mas acabou durante o mandato do prefeito seguinte, que extinguiu o projeto. Essa experiência serviu de inspiração para muitas outras prefeituras por todo o país.

As aulas eram bem diferentes do que ela imaginava e ainda tinham um nome especial: "círculos de cultura", porque todos sentavam em círculo para conversar e aprender juntos. Nesses círculos, não havia professores, mas, sim, "animadores de debates", porque acreditavam que ninguém ensina ninguém, todos ali aprendem juntos.

Vou te dar um exemplo: uma agricultora sabe muito sobre plantar repolhos e uma construtora, sobre construir paredes, mas nenhuma delas sabe ler e escrever. O animador de debates conhece pouco sobre tijolos e repolhos, mas sabe escrever. Juntos, eles podem somar todos esses conhecimentos e todos têm muito para aprender! A construtora e o animador têm muito a aprender sobre plantar repolhos, a agricultora e o animador, sobre construir paredes e a construtora, sobre ler e escrever.

Viu como todos podem aprender juntos?

Por isso, os animadores não estão ali para transmitir conteúdo ou conhecimento para os outros gravarem ou decorarem, mas, sim, para despertar no próximo um jeito de aprender com a experiência e a curiosidade.

Com muito empenho e diálogos nos círculos de cultura, minha mãe aprendeu a escrever o próprio nome e a ler!



Paulo Freire acreditava que primeiro todos descobrem a leitura de mundo antes da leitura de palavras, de símbolos ou de letras. Isso significa que uma pessoa analfabeta, que não sabe ler e escrever, é capaz de ler o mundo. Mas o que é ler o mundo? Uma agricultora não precisa saber ler e escrever para compreender que, quando chove, ela não precisa regar a sua plantação de repolhos. É vivendo a vida que todo mundo aprende muita coisa, não é? Mas Paulo buscava que as pessoas aprendessem a ler o mundo de forma desafiadora, refletindo e pensando os porquês dele. Para isso, é necessário o diálogo, andar junto, ter alegria e esperança... E saber que, por estarmos no mundo, podemos também mudar o mundo. Por exemplo: todo mundo sabe que a chuva molha, não é? Mas por que geralmente é nos bairros e regiões mais pobres que vemos tantas notícias de alagamentos e deslizamentos de terras? A chuva faz parte da natureza, mas a desigualdade é natural? Ou ela vem da má distribuição de recursos? Ela pode ser mudada? O que você acha, caro leitor?

E assim minha mãe nunca parou de ler e de estudar, porque ela descobriu a importância da educação, mas não qualquer educação, precisa ser uma educação para a transformação do mundo.

Ela sempre repetia algo que aprendeu com Freire, que a educação não muda o mundo, mas que a educação ajuda a mudar as pessoas e as pessoas juntas podem mudar o mundo!

E foi com essa intenção que, anos depois, ela ingressou na faculdade de história e realizou seu sonho de se tornar professora de uma escola aqui do bairro. Nas aulas, ela sempre fazia com que os alunos se perguntassem os porquês das coisas...

Existem pessoas que, por saberem ler e escrever, se acham melhores que a agricultora e a construtora que não sabem, mas será que essas pessoas conseguiriam construir suas próprias casas e plantar seus próprios alimentos?

Por que bilionários fazem passeios em foguetes para o espaço enquanto outros passam fome? Por que alguns têm tanto e outros nada?

Por que existe tanta injustiça no mundo?
Se as pessoas fazem parte desse mundo, elas também podem mudar o mundo...
O que podemos fazer para ajudar nessa mudança?



Graças ao incentivo e ao apoio da minha mãe, estou terminando a escola e também tenho o sonho de fazer uma faculdade de história e, assim como ela, ser professora de uma escola aqui do bairro, onde, com outras professoras e professores, possamos buscar uma educação que faz pensar, que quer a transformação e o fim das injustiças, que faça com que os alunos possam ler o mundo, refletindo e o transformando!

Para Refletir

Paulo Freire dizia que “ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho”. Para ele, a educação não acontece com uma pessoa sozinha. Ela tem que ser coletiva, solidária, por amor e não pode ser imposta, ninguém deve ser obrigado.

Para isso, não devemos começar a aprender a ler com palavras de uma realidade distante ou a partir de coisas que não nos fazem pensar e refletir, o que acontecia muito na época que Paulo criou seu método, lá nos anos de 1960. Naquele tempo, usavam frases como “Ivo viu a uva” de exemplo para ensinar a ler e a escrever, que é uma frase que não faz nem refletir e nem pensar. E você, leitor, já viu uma uva? Se já viu, isso mudou sua vida e a sua forma de entender e de compreender o mundo? Provavelmente não, não é? Uva é uma frutinha, muito gostosa por sinal...

Para mudar isso, Paulo Freire propôs que se aprendesse a ler a partir de palavras do “nosso mundo”, as palavras do dia a dia de cada um. Se a gente vai aprender a ler e a escrever com letras, palavras e frases, por que não começar com as que vivem com a gente durante todos os dias, não é? Mas como assim? Vou explicar melhor.

Por exemplo: para uma construtora, eram usadas palavras como “tijolo” e, para um faxineiro, palavras como “vassoura” ou “pano”.

Essas são palavras que, para essas pessoas, são cheias de significados e representam seu trabalho de todos os dias.

As palavras podem ser diferentes dependendo das pessoas e de onde elas são: do Sul ou do Norte, do campo ou da cidade. As pessoas não são todas iguais e, muitas vezes, acontece de alguém que more bem distante de você falar alguma palavra que você não conheça, não é?

Você já ouviu falar de uma fruta chamada mexerica? Mimososa? Tanja? Bergamota? E vergamota? São todas a mesma fruta, mas com diferentes nomes dependendo de qual região do país você se encontra. Mexerica é o nome mais comum, bergamota ou vergamota é como costumam chamá-la no Rio Grande do Sul, mimososa é a palavra utilizada pelos paranaenses e tanja, pelo pessoal do Piauí e do Maranhão.

É uva... é tangerina... assim estou ficando com fome!



Agora é sua vez:
Quais palavras são do seu cotidiano? Faça uma lista com 10 palavras.

No próximo passo do método de Paulo Freire, devemos separar as sílabas das palavras escolhidas para depois formar outras. Como nos exemplos:

TI - JO - LO / VAS - SOU - RA
PA - NO / ME - XE - RI - CA

E com essas sílabas podemos formar palavras como:

NORA / PARA / NOJO / CARA
RICA / PACA / CAÑO / TIRA / NOVAS

E, a partir das palavras que você escolheu, leitor, quais outras podem ser formadas?

Das palavras que você formou, quais fazem parte do cotidiano da agricultora de repolhos?

E do faxineiro?

Esperamos que, por meio desta leitura, tenhamos despertado o interesse de todas as leitoras e todos os leitores em conhecer Paulo Freire, a história do Brasil e pensar possibilidades de transformação para um mundo onde seja mais fácil amar.

